

Ausência dos Corpos. Presença dos Corpos

Comentários de Nelson Rego

Na madrugada de 29 de novembro, o avião da empresa aérea LaMia levava o time brasileiro da Chapecoense, dirigentes do clube, jornalistas e convidados para a cidade de Medellín, na Colômbia, para a disputa do título de campeão da Copa Sul-Americana de Futebol de 2016 contra o time colombiano do Atlético Nacional. O avião caiu a poucos quilômetros da cidade, setenta e um foram os mortos.

A espantosa causa do desastre logo se tornou conhecida: falta de combustível. Os quatro motores falharam um após o outro devido ao esgotamento do combustível. As gravações do diálogo entre os controladores de tráfego e o piloto, que era também sócio-proprietário da empresa aérea e do avião fretado, indicam que, quando decolou na última escala, na Bolívia, para o trecho final da viagem até Medellín, ele estava ciente de que o combustível encontrava-se no limite do necessário para o término da viagem, sem reservas. Por consequência de sua decisão de risco, nenhum fator poderia prolongar o tempo da viagem, nenhum daqueles fatores considerados corriqueiros: condições meteorológicas adversas, alguma espera no ar ou pequeno desvio de rota para adequar-se ao tráfego aéreo e à permissão para o pouso. O avião também transportava um pouco de excesso de peso em bagagens, o que acentuava o risco da viagem com o combustível no limite do necessário. O piloto e proprietário do avião bancou a aposta contra as probabilidades, ele arriscou contra as leis da Física. As gravações dos últimos minutos evidenciam o quanto ele se esforçou para pousar o avião em pane, mas o risco inerente à sua aposta era alto demais, preponderou sobre a suposta perícia e a abusiva autoconfiança do piloto.

Foram severas as dificuldades econômicas e políticas no Brasil em 2016. Foram tamanhas as consequências da crise em diferentes frentes e níveis que se torna possível dizer que houve uma falência do cotidiano.

Assim que ocorreu a tragédia aérea, eclodiu na imprensa e nas redes sociais a disseminação de comentários declarando o

desastre como o símbolo do ano difícil de suportar. Houve quem pedisse a 2016: acabe logo, por favor.

Considero que dizer que foi símbolo do ano nefasto o acontecimento causado pelo piloto e proprietário de avião que decidiu decolar ciente de que o combustível estava no limite é pouco. Se for símbolo, ele remete ao quê? E seja o que for, é referente apenas a 2016?

Penso que melhor é olhar para decisão de altíssimo risco como se ela fosse um hiperlink: clicar em cima do acidente e do insano que arrisca – e liquida com – a própria vida e as vidas de setenta outros, na presumível intenção de poupar e lucrar umas merrecas a mais com a economia de combustível, e esse clique dará passagem para a metafísica. Sim, dá passagem para a metafísica, e peço ao leitor que me perdoe por essa afirmação que tem aparência de trocadilho acidental e infeliz sobre o fim que veio de súbito. Espero que ela seja entendida como algo mais do que isso.



Metafísica não é somente para falar de Deus, do Nada, da atemporalidade do Tempo, do Espaço como vazio substrato da multiplicidade dos lugares e de outros infinitos sobre os quais é preciso muito dizer para tangenciar dizer os porquês do impossível de eles serem capturados pelo finito da linguagem. Não é somente deixar em suspensão a hipótese de que todos esses intangíveis não sejam mais (ou não sejam menos) do que sonhos.

Metafísica também serve para fazer truques de desaparecimentos. Por exemplo, a técnica, aliás, a Técnica. As técnicas são produtos históricos, são modos de lidar com o ambiente (com as mãos, com martelos e serrotes, computadores, ideias), maneiras de não apenas nos adaptarmos ao ambiente, mas de adaptarmos o ambiente a nós. As técnicas são modos de lidar. E acúmulos de modos de lidar. E rupturas e reinvenções do modo de acumular modos de lidar com: o mundo. O mundo feito de pessoas fazendo técnicas. As pessoas fazendo técnicas conforme o mundo onde nasceram. As técnicas fazendo pessoas... Oculte-se o processo,

Nelson Rego

exalte-se o produto, aliene-se a noção de que é das relações cotidianas que emergem as técnicas, o que vai para o trono? A Técnica. A Grande Deusa, essa agora que é apresentada como a razão de si mesma, sem nascimento, eterna, sem história, acima do mundo que a pariu. Semelhante ao totem cultuado como se ele mesmo fosse o deus, adorado por gerações que esfarelaram a memória de que foram seus ancestrais que o esculpiram. Quem vem ao mundo já encontra a Deusa Técnica instaurada: é preciso servir-lhe servindo à aceleração de tudo, correr, correr e correr para produzir, produzir e cumprir os prazos de multiplicadas metas. Um controle se instala: internalizar a aceleração como jeito de ser. Correr, correr e tornar-se mais carente de aparelhinhos de bolso que nos acompanharão por toda parte e que nos deixarão mais rápidos para digitar mais e mais enquanto atravessamos a rua de costas para o trânsito e somos atropelados pelo motorista que não nos viu porque também digitava em seu aparelhinho, pois precisava postar com urgência um desaforo nas redes sociais contra o sujeito que...

Isso é metafísico, não? Tornamo-nos sem corpos. Sim, sem corpos. Agora somos deuses, ascendemos para além do físico. Ou tem corpo este que vimos ainda agora atravessando a rua e digitando em seu aparelhinho e de costas para o trânsito, alheio aos motoristas alheios aos pedestres? É claro que ele não tem corpo. Tornou-se inatingível. Ele e nós e o piloto-proprietário do avião não morremos mais.

O dinheiro, por exemplo. Ele nasceu e cresceu como uma técnica para facilitar as trocas entre produtos diferentes. Quantas enxadas valem sete sacos de trigo? Valem quanto o tecido e o trabalho de alinhar o tecido na forma de saco em comparação ao trigo nele ensacado? Complicado estar-se sempre a discutir a quantidade necessária de uma coisa para equivaler ao valor de outra coisa. O dinheiro é uma das invenções universais que demonstram para nós mesmos, atuais representantes da espécie que o criou, o quanto somos capazes de criar instrumentos abstratos para os quais podemos olhar e declararmos orgulhosos: vejam (num diálogo imaginário com os primos primatas) como somos, nós, humanos,

Ausência dos Corpos. Presença dos Corpos

cotidianamente geniais. Mas quem se lembra, cotidianamente, do dinheiro como uma técnica de troca para o acesso aos bens necessários? O proprietário-piloto do avião? Suponho que ele pensava no dinheiro, no Deus Dinheiro, de outro modo, como algo que se fez razão e finalidade por si mesmo, sem nascimento, eterno, sem história. Metafísico, não?

Faz lembrar aquela história do pirata (ou talvez fosse um capitão fiel à Sua Majestade, esqueci os detalhes, são parecidos demais um com o outro, confundo os tipos) que, sabendo nadar feito peixe, foi ao fundo e morreu afogado por não desabroçar o baú pesado das moedas. Ah, sim, a história é do tempo das grandes pilhagens, dos impérios competindo pela posse de mares e continentes, das aldeias tornando-se um só mundo pelo avanço das técnicas a serviço do acúmulo de moedas. Antes, a competição era entre nações em busca de se afirmarem imperiais na corrida pela acumulação. A primazia agora é dos megacapitais empresariais em busca da autorreprodução e da expansão pela via do domínio sobre o mercado. Talvez isso tenha reflexos na metafísica do novo cotidiano, isto é, no modo de internalizar a diretriz da aceleração em busca de...

Talvez não sejam tão diferentes entre si o obsecado proprietário-piloto que decola sem combustível e o pedestre que vimos ainda agora atravessar a rua de costas para o trânsito e obsecado por seu aparelhinho acelerador de fluxos, alheio aos motoristas alheios aos pedestres. Acho que estamos todos, proprietário-piloto, pedestres e motoristas, transpassados pela mesma negação do óbvio perpetrada pelo cotidiano dominado pela metafísica.

Talvez não sejamos muito diferentes do gestor hospitalar obsecado em ampliar a taxa de lucro de 19,64% para 20,16%, tão obsecado que faz questão de ignorar que os técnicos em enfermagem já foram empurrados até o limite da exaustão pelo somatório do tamanho da jornada de trabalho com o esgotamento existencial causado tanto pelas condições ambientais dos recintos

quanto pela penúria da remuneração. O exemplar gestor apenas reconsiderará sua última decisão (cortar a despesa do café sempre disponível para os plantonistas) quando o quase adormecido técnico em enfermagem injetar a droga errada na veia do paciente impaciente e fã de um bom tumulto.

Serão mesmo assim tão diferentes entre si as lógicas que comandam as ações do proprietário-piloto, do gestor hospitalar, do diretor disso e daquilo, do fornecedor de leite com soda cáustica, do pivete ali da esquina, do Governador do Estado, do Presidente da República e dos donos do agronegócio? Ou será que a diferença não vai além do tamanho das cifras pelas quais se atenta contra as vidas e do fato de que as consequências da conduta do proprietário-piloto tornaram-se estrondosamente visíveis de uma só vez?

Desconfio de que essa enxurrada de filmes de legiões de mortos-vivos vagando pelas ruas e estradas de um colapso global é versão caricata da observação do cotidiano metafísico.

Metafísica não é somente para falar de Deus, do Nada e de outros infinitos e tangenciar o Impossível. Ela serve para fazer truques de ocultação: esquecimentos. Por exemplo, esquecimento de que temos necessidades por algumas levezas elementares, como o descanso e a vontade de nos desligarmos da obrigação de estarmos sempre estimulados pelos ditames da Técnica que acelera horas, minutos e segundos a serviço do Grande Deus Consumo e da Grande Deusa Acumulação. Metafísica é também a hipnose coletiva que faz desaparecer a percepção de que estamos sempre e sempre ciscando estímulos, feitos frangos estressados em regime de engorda acelerada para o abate em modernos aviários.

De negação do óbvio em negação do óbvio, passam por normais múltiplas e diárias situações que se tornam veículos para a produção cotidiana do esquecimento sobre o básico da vida: a vida.

Quantos séculos de história global insana são necessários para que um homem ache que está tudo normal ao decolar ciente de que o combustível está no limite do limite, em troca da chance de poupar algumas moedas? E para produzir a cena do pedestre que

atravessa a rua fetichizado pelo aparelhinho que o torna alheio aos motoristas que aceleram alheios ao pedestre?

De quanto materialismo vulgar precisa a metafísica para multiplicar mortos-vivos crentes de serem deuses acima da mais básica noção de limites? De quanta metafísica precisa o materialismo vulgar para não se enxergar no espelho dos acontecimentos estúpidos?

• • •

Por que recorro o acidente e apresento esses comentários sobre cotidianos esquecimentos do óbvio, que, de tão estrondosos, tem jeito de metafísica surreal encarnada num materialismo vulgar? Para, por meio do contraste, convidar o leitor aos textos reunidos neste livro, pois o que aqui se manifesta é o retorno da atenção ao esquecido óbvio da vida: somos corpos que necessitam dos frutos da Terra e, para isso, trabalham, e merecem descansos e os acolhimentos de boas casas feitas de céus, mares, pedras e barro, e de cidades e campos plenos de encontros, e de memórias de vidas construtoras de casas. Talvez por aqui também pulse a metafísica, mas aquela outra, que namora os intangíveis que talvez não sejam mais (ou não sejam menos) do que sonhos.